

Resenha do livro “O Acontecimento”

Autora: Annie Ernaux

74 páginas

Ano de publicação: 2000

Ano de edição em português: 2022

Editora Fósforo, Rio de Janeiro

Denise Salomão Goldfajn¹

Com atraso de 22 anos, podemos agora ler em português a tradução desse livro biográfico que narra um evento, uma única passagem na vida dessa autora vigorosa, que escreve como quem lapida os ângulos de uma única cena de forma corajosa, sem que nada lhe escape, permitindo e convidando o leitor para que sofra e conheça com ela as vicissitudes femininas de gerar e gestar, bem como a responsabilidade de decidir, absolutamente sozinha e prematuramente em sua vida de jovem, qual seria a fronteira entre o íntimo e o social, expondo a arbitrariedade da lei sobre o corpo feminino.

Ao ler este pequeno livro, visitamos junto com a autora o aborto sofrido por ela, vivenciando seu desalento a cada passo de sua busca angustiada por parceria e proteção, encontrando apenas fragmentos tênues de solidariedade, que mal se configuram em compaixão, tornando-se ainda mais traumáticos, pois acendem fagulhas de esperança, que se apagam rápido, de forma gelada e cruel.

Para homenagear a coragem da autora e o impacto da narrativa, compartilho suas palavras, deixando que elas anunciem a urgência em ler esse livro. Cuidadosamente, selecionei algumas passagens. Em seu diário de então, a autora escreve: “Estou grávida, que horror.” (p. 14). E, mais além, quando revisita a jovem grávida de antes, ela escreve:

1. Psicanalista membro da Sociedade Brasileira do Rio de Janeiro (SBPRJ) e de São Paulo (SBPSP), pós-doutora pela Universidade de São Paulo (USP), membro da Associação Internacional de Psicanálise e Psicoterapia Relacional (IARPP), e membro do Grupo Brasileiro de pesquisas Sándor Ferenczi. Psicanalista de crianças e adultos, supervisora clínica e autora de artigos publicados.

“Que o modo como eu vivi essa experiência de aborto – a clandestinidade – remonte a uma história superada não me parece um motivo válido para deixar essa história enterrada – mesmo que os paradoxos de uma lei justa seja quase sempre obrigar as antigas vítimas a se calar, em nome de que ‘tudo isso acabou’, de maneira que mesmo o silêncio de antes encubra tudo o que aconteceu. É justamente porque nenhuma interdição pesa mais sobre o aborto que posso, deixando de lado o senso coletivo e as fórmulas necessariamente simplificadas... – enfrentar na sua realidade, esse acontecimento *inesquecível*.” (p. 17).

Com ousadia, a autora narra em primeira pessoa, esculpindo as palavras como quem lapida a memória, extraíndo dela a vivência traumática encriptada, encrostada, encroada, como um feto sem vida, como um tumor no âmago da alma, uma sombra dolorosa, mas latejante.

E a autora segue narrando o acontecimento. Escamoteada no acontecimento, resta a vivência traumática: “Numa segunda-feira, voltei da casa deles com um par de agulhas de tricô... Eu não tinha saída. Decidira agir sozinha.” (p. 35).

“[...] depois de minha tentativa infrutífera, liguei para o Dr. N... Achei que fosse fazer algo por mim, ele disse, ‘Não quero saber aonde você vai. Mas você vai tomar penicilina.’” (p. 36).

“[...] penso no momento que aborto no banheiro, o jorro de um obus, ou de uma granada, a tampa de um barril que pula. Essa impossibilidade de dizer as coisas com palavras diferentes, essa união definitiva da realidade passada e de uma imagem que exclui qualquer outra me parecem a prova de que realmente vivi o acontecimento.” (p. 60).

“Eu andava pelas ruas com o segredo da noite do dia 20 ao 21 de janeiro em meu corpo como uma coisa sagrada. Não sabia se tinha estado à beira do horror ou da beleza. Sentia orgulho. Provavelmente o mesmo dos navegantes solitários, dos drogados e ladrões – o de ter ido aonde os outros jamais pensariam ir.” (p. 67).

“Terminei de pôr em palavras isso que se revela para mim como uma experiência humana total, da vida e da morte, do tempo, da moral e do interdito, da lei, da experiência vivida de um extremo a outro pelo corpo.” (p. 71).

Não há melhor momento para ler esse livro: o que parece nos chegar com atraso, retorna como realidade distópica, quando vemos a suprema corte estadunidense permitir novamente a criminalização do aborto, ou quando uma jovem atriz em nosso país sofre a crueldade das mídias sociais, que expõe sua intimidade e sua decisão de não ser mãe e entregar seu filho para adoção. Decisão, aliás, garantida por lei. No “*big brother*” das mídias sociais, mais um corpo

e destino de uma mulher invadidos mais de uma vez. Onde se entrecruzam a intimidade e a (des)ordem pública? Qual o limite da (des)humanidade?

Por isso, esse é um livro preciso, seja pela precisão da narrativa dos fatos, quanto pela necessidade do testemunho de seu relato que possa servir a muitas outras jovens e suas redes de apoio, que, como a autora, passarão por essa experiência traumática.

Nem toda a análise pessoal passa pela sala de análise, nem as teorias do trauma são exclusividade de nosso campo. Relembrar, repetir e elaborar vêm nas mais diversas formas e lugares, nos sonhos, nos pensamentos, nos diálogos e se eternizam nas letras, que tomam rumo nas páginas que são compartilhadas em idiomas e viajam pelo mundo, até que chegam às nossas telas mentais.

Um único e singular evento, um acontecimento na vida da escritora e seus desdobramentos.

Recebido: 06/04/2022

Aceito: 08/07/2022

Denise Salomão Goldfajn
dsgoldfajn@gmail.com